

# “Constituindo um campo”: estudos de comunidade e o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil (1940-1960)

ISABELA OLIVEIRA E JANAÍNA DAMASCENO

O nome desta apresentação é também o título do evento realizado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, no dia 18 de setembro de 2009. A iniciativa de debater a tradição dos chamados estudos de comunidade e sua relevância para a antropologia e as ciências sociais encontra respaldo também na feliz coincidência de datas, já que no ano de 2010, comemoram-se os 60 anos da realização dos maiores projetos de estudos de comunidade realizados no Brasil, respectivamente, o “Projeto Columbia University – Estado da Bahia”, coordenado por Charles Wagley<sup>1</sup> e o “Projeto do Vale do São Francisco”, coordenado por Donald Pierson<sup>2</sup>.

Acusados, por vezes, de fazerem parte de um esquema de “engenharia social”, ou seja, de uma pretensa antropologia e sociologia aplicadas, os estudos de comunidade marcam um momento profícuo da história de institucionalização das ciências sociais no Brasil e, colocam em cena duas das principais escolas de sociologia daquele momento nos EUA. A saber, a tradição da Escola de Chicago, via Donald Pierson da Escola Livre de Sociologia e Política e a tradição de estudos da Universidade de Columbia que se faz presente na formação de Charles Wagley<sup>3</sup>.

Visando dar conta destas perspectivas, na ocasião do evento, o debate foi estruturado em torno de duas mesas realizadas no período da manhã e da tarde. A primeira, composta por comentadores, foi chamada de “A comunidade em questão: comentários a uma experiência etnográfica” e teve a participação do antropólogo Júlio Assis Simões (USP); do sociólogo Luiz Carlos Jackson (USP) e do cientista político Marcos Chor Maio (Fiocruz).

Parte do título desta mesa “comentários a *uma* experiência etnográfica” é, na verdade, mais uma provocação que uma tentativa de denominar essas pesquisas. A provocação fica por conta da ideia de que não se trataria de “uma” experiência etnográfica, mas de várias, múltiplas. Dar conta dessa multiplicidade não foi tarefa aqui vislumbrada, mas cabe o registro de que estamos tratando de uma definição que abarca diferentes trabalhos realizados, sobretudo, entre as décadas de 1940 e 1960 no interior das ciências sociais em processo de institucionalização. Mais especificamente, das áreas de antropologia e de sociologia.

Neste sentido, vários atributos que podem ser apontados como definidores dos estudos de comunidade – a tentativa de apreensão unitária de realidade social, a comunidade vista como uma unidade com limites claramente visíveis; a forte vinculação ao empírico, a proposição de utilizar as técnicas de investigação desenvolvidas na Antropologia Clássica no estudo de “sociedades primitivas” para o estudo das “sociedades complexas” e a investigação de pequenas localidades rurais em suas ligações com complexas estruturas nacionais – devem ser ainda matizados.

Apenas para citar um exemplo desta multiplicidade de experiências etnográficas, o primado de se estudar exclusivamente comunidades rurais é posto em xeque quando analisamos as orientações metodológicas de Charles Wagley e Thales de Azevedo. Ao tratarem do “método de campo no estudo de comunidade” os autores nos alertam para o fato de que no Brasil “a comunidade é mais fluída e menos marcada, mais difícil de delimitar” (Wagley e Azevedo, 1950, p. 230). Já

em outro artigo de Wagley, este defende que os estudos de comunidade poderiam ser realizados em “vilas e pequenas cidades”, mas também em “grandes metrópoles”<sup>4</sup> (Wagley, 1954, p. 3).

Mas, independentemente da variedade destes estudos, é inegável sua importância na formação dos cientistas sociais brasileiros. É nesta tradição de pesquisa que se formam as primeiras gerações de antropólogos e sociólogos saídos das escolas de graduação e pós-graduação dos cursos de ciências sociais do país. É justamente o que se pretende com este *especial*: discutir o papel dos estudos de comunidade na formação dos pesquisadores brasileiros e na institucionalização das ciências sociais a partir destes dois estudos de comunidade, que estão completando ambos 60 anos.

Deste modo são aqui apresentados os textos resultantes desse debate realizado na mesa “A comunidade em questão: comentários a uma experiência etnográfica”. Assim, o texto de Marcos Chor Maio deslinda o trabalho de Charles Wagley em “Estudos de Comunidade e relações raciais: o convênio Columbia University – Estado da Bahia/UNESCO na década de 1950” ao analisar como o “Projeto Columbia” torna-se durante o início de sua execução parte do Projeto Unesco sobre relações raciais.

Luiz Carlos Jackson analisa as dissonâncias existentes entre os estudos de comunidade realizados pela Escola Livre de Sociologia e Política e a Faculdade de Ciências e Letras da USP em “Divergências teóricas, divergências políticas: a crítica da USP aos “estudos de comunidades”. Seu texto nos apresenta um interessante contraponto para pensarmos a recepção crítica diferenciada a que foi alvo o projeto de Pierson em comparação ao de Wagley por parte das ciências sociais da USP. Jackson repõe o debate Escola de Sociologia e Política – USP nos termos de sua gênese e de seus argumentos no interior do que o autor chama de “disputas entre as instituições” naquele dado momento.

A segunda mesa do evento “Em comuni-

dades: o caso do Vale do São Francisco e os 60 anos do Projeto Columbia na Bahia” seria composta pelos pesquisadores e cientistas sociais Esdras Borges Costa (FGV), João Baptista Borges Pereira (USP) e Josildeth Gomes Consorte (PUC/SP). Sim, nós os apresentamos aqui como “cientistas sociais” porque as experiências que estes professores compartilhariam conosco datam de um tempo em que os limites entre a antropologia e a sociologia ainda não estavam inteiramente colocados pelas especializações acadêmicas, que só viriam a se concretizar inteiramente a partir da década de 1960<sup>5</sup>.

Para fechar o debate com chave de ouro, registramos a palavra de quem, se quiser, pode apelar para a “autoridade” que a “experiência etnográfica”<sup>6</sup> permite. Não é em demasia lembrar que Josildeth Gomes Consorte participou como assistente de pesquisa do Programa de Pesquisas Sociais do estado da Bahia e Universidade de Columbia, coordenada por Charles Wagley e que, mais tarde, seria incorporada ao projeto Unesco de relações raciais. Esdras Borges Costa, por sua vez, realizou seu trabalho do Vale do São Francisco na pesquisa coordenada por Donald Pierson. E João Baptista Borges Pereira, que nos apadrinhou nessa iniciativa do *especial*, ajudaria a compor um panorama de depoimentos que completaria as impressões de dois participantes dos mais importantes estudos de comunidade, ao nos fornecer uma visão de quem não participou destes estudos, mas viu a tradição destas pesquisas atingir seu ápice e depois ser alvo de severas críticas no interior das ciências sociais.

Os verbos estão no futuro do pretérito para falar da segunda mesa, “Em comunidades: o caso do Vale do São Francisco e os 60 anos do Projeto Columbia na Bahia”, porque alguns “imponderáveis da vida real” (como diria Malinowski) impediram que Josildeth e João Baptista pudessem comparecer ao debate. Felizmente, driblamos o imprevisto ao apresentar ainda nesta edição a entrevista com a professora Josildeth,

“Os 60 anos do Programa de Pesquisas Sociais do estado da Bahia e Universidade de Columbia”, realizada pouco tempo depois do evento.

Já o depoimento do professor Esdras “Revisitando Itapetininga, ‘Freguesia’ e o Projeto Vale do São Francisco” é parte de sua fala no debate. Sua disposição em tratar criticamente os estudos de comunidade e sua própria experiência, compartilhando suas impressões e análises sensibilizou aos presentes no evento e levantou a seguinte questão: será que os dilemas e dificuldades de um jovem pesquisador realizando pesquisa de campo há 60 anos são tão diferentes dos nossos trabalhos atuais, ainda que orientados por perspectivas teóricas tão diferentes? Esperamos que parte deste entusiasmo e disposição possa ser apreendida no texto aqui publicado. Já ao professor João Baptista só nos cabe registrar nosso profundo agradecimento pelas conversas que nos ajudaram a compor o formato do evento e do *especial*. Nosso mais sincero e carinhoso obrigada. Do mesmo modo, agradecemos ao professor Júlio Assis Simões que nos apoiou duplamente, ora como pesquisador, ora como coordenador da Pós-Graduação, nos fornecendo todo o suporte necessário para a materialização do debate.

É justamente do Professor João Baptista o incentivo de republicar Gioconda Mussolini na *Cadernos de Campo*. Incentivo esse, que foi reforçado por Andrea Ciacchi, que nos auxiliou na escolha do texto de Gioconda Mussolini a ser publicado. Ciacchi também é responsável pela apresentação ao artigo de Gioconda que nos fornece elementos para pensar a trajetória dessa pesquisadora nos quadros universitários e a atuação de mulheres pioneiras no desenvolvimento das pesquisas de campo em ciências sociais no Brasil.

O artigo de Gioconda Mussolini “Persistência e mudança em sociedades de ‘folk’ no Brasil”, foi publicado pela primeira vez nos Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas de São Paulo, em 1955, e esboça uma

série de críticas aos estudos de comunidade. No artigo, a autora aponta a falta de conteúdo histórico como uma falha nas etnografias oriundas dos estudos desta tradição. Não deixa de ser interessante perceber que o depoimento atual de Esdras Borges Costa pode ser lido como uma resposta aos comentários críticos de Gioconda Mussolini proferidos há mais de cinquenta anos.

Todas essas leituras nos levam a refletir sobre o papel dos estudos de comunidade na história das ciências sociais no Brasil. Para além de um caminho metodológico, que Brasil procurava-se desvendar através desses estudos? Que projetos de Brasil (e de Brasis) poderiam se delinear através deles? Como as ciências sociais se inserem no processo de modernização do país, não apenas como esforço crítico, mas também como uma profissão nova e moderna. Essas foram algumas das questões que nortearam a realização desse *especial*. Esperamos que ele suscite aos leitores as mesmas inquietações que nos suscitou. Boa Leitura!

## Notas

- 1 Fruto de uma iniciativa de Anísio Teixeira, o Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – Columbia University teve a coordenação conjunta de Charles Wagley, Thales de Azevedo e Costa Pinto e a publicação que sistematiza seus resultados é *Race and class in rural Brazil*. É interessante notar que dependendo da chave interpretativa dos analistas ou comentaristas sobre o tema – que ora destacam o protagonismo da Universidade de Columbia, ora a incorporação posterior da pesquisa ao Projeto UNESCO de relações raciais ou, ainda, a premência da iniciativa baiana para a realização do projeto – que o mesmo apareça nomeado das mais diversas maneiras, tais como: “Programa de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia – Columbia University”; “Projeto Columbia University–Estado da Bahia”; “Projeto Unesco na Bahia”; “Convênio Columbia University – Estado da Bahia”; “Projeto Columbia University – Estado da Bahia/ Unesco”.
- 2 O projeto de Donald Pierson dá origem ao livro *O Homem no Vale do São Francisco*. Embora o trabalho de campo tenha sido realizado na década de 1950, a pu-

blicação que sistematiza todas as pesquisas em língua portuguesa só ocorre no ano de 1972. Também data de 1950 a pesquisa *Cruz das Almas*, outro estudo de comunidade realizado por Pierson no interior de São Paulo.

- <sup>3</sup> É interessante notar que estas duas pesquisas são fruto de trabalho de campo realizados no estado da Bahia. No caso do trabalho coordenado por Wagley, Thales de Azevedo e Costa Pinto, isto se dá exclusivamente. Já no caso da pesquisa dirigida por Pierson, esta abarca o estado da Bahia e de Minas Gerais, Pernambuco e Alagoas. Ainda é preciso ressaltar que no caso da segunda, os pesquisadores em torno de Pierson, eram oriundos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e, no caso da primeira, há a vinda de uma equipe de pesquisadores norte-americanos para o Brasil que depois realizarão carreiras bem-sucedidas em suas universidades de origem. Nos dois casos, a participação nestes trabalhos abre oportunidades profissionais também para os assistentes de pesquisa que participam das empreitadas como, por exemplo, Josildeth Consorte. Entretanto, o papel na formação dos cientistas sociais e de mulheres cientistas sociais neste momento ainda é pouco discutido, quando tratamos da formação destes profissionais fora do estado de São Paulo e do Rio de Janeiro.
- <sup>4</sup> Donald Pierson, por sua vez, também explora as possibilidades de pesquisas realizadas no meio urbano. Cf. Oliveira (2009).
- <sup>5</sup> Sobre este processo ver: Miceli (2001) e Corrêa (1995).
- <sup>6</sup> Sobre a discussão de “autoridade etnográfica”, cf. Clifford (1998).

## Referências bibliográficas

- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- CORRÊA, Mariza. A Antropologia no Brasil (1960-1980). In: MICELI, S. (Org.). *História das ciências sociais no Brasil 2*. São Paulo: Sumaré/Idesp/Fapesp, 1995.
- \_\_\_\_\_. *História da Antropologia no Brasil (1930-1960)*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas; São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1987.
- HARRIS, Marvin. *Town and Country in Brazil*. New York: The Norton Library, 1971.
- MICELI, Sérgio. Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais. In: MICELI, S. (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil 1*. São Paulo: Editora Sumaré, 2001.
- OLIVEIRA, Isabela. *Os estudos urbanos de Donald Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política*. Trabalho apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia realizado de 28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro (RJ).
- PEIXOTO, Fernanda e SIMÕES, Júlio Assis. *A Revista de Antropologia e as ciências sociais em São Paulo: notas sobre uma cena e alguns debates*. Revista de Antropologia, São Paulo, vol. 46(2), p. 383-409.
- PIERSON, Donald. *Cruz das Almas: a brazilian village*. Washington, D.C.: Instituto de Antropologia Social da Smithsonian Institution, vol. 12, 1951.
- \_\_\_\_\_. *Cruz das Almas*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora [Coleção Documentos Brasileiros], vol. 124, 1966.
- \_\_\_\_\_. *O Homem no Vale do São Francisco*. [Com a colaboração de: Alceu Maynard Araújo, Afonso Trujillo Ferrari, Esdras Borges Costa, Fernando Altenfelder Silva, Levy Cruz, Octávio da Costa Eduardo e outros]. Rio de Janeiro: SUVALE, 1972.
- WAGLEY, Charles. Estudos de comunidades no Brasil sob perspectiva nacional. *Revista Sociologia*. v. 16, n. 2. 1954.
- WAGLEY, Charles. *Race and class in rural Brazil*. Paris: UNESCO, 1952.
- WAGLEY, Charles e AZEVEDO, Thales. Sobre métodos de campo no estudo de comunidade. *Revista do Museu Paulista*, v. 4, p.227-237, 1950.

**autora**            **Isabela Oliveira**  
Doutoranda em Ciência Social (Antropologia Social)/USP

**autora**            **Janaína Damasceno**  
Doutoranda em Ciência Social (Antropologia Social)/USP